

## Vida danificada e trote universitário<sup>1</sup>

Sinésio Ferraz BUENO<sup>2</sup>

**RESUMO:** este artigo pretende analisar o ritual do trote universitário, tendo em vista a análise de Adorno sobre o fascismo como fenômeno enraizado no irracionalismo da civilização contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria Crítica; fascismo; política; Adorno.

As reflexões de Adorno acerca da educação concentram-se, como sabemos, no imperativo de que “Auschwitz não se repita”. Uma educação para a autonomia e emancipação do sujeito seria aquela que se orientasse pela desbarbarização. Esse imperativo é especialmente relevante em uma civilização na qual o elevado desenvolvimento técnico é acompanhado por tendências acentuadas de regressão à barbárie. Estas expressam-se, segundo Adorno, por “uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza” (1995, p. 155). Esse quadro explosivo, constituído por sentimentos anticivilizatórios que atravessam a sociedade burguesa de ponta a ponta, encontra manifestações sintomáticas na violência imposta pelos coletivos a seus membros, em especial no momento inicial de integração de novos elementos. É nesse contexto que pretendo refletir sobre o trote universitário como ritual forçado de integração. Sob graus diversos de violência, que vão desde a mera brincadeira orquestrada por um líder que fala ao microfone, tendo como pano de fundo a música de sucesso em alto volume, até a morte sem solução, como ocorreu na Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo, há alguns anos atrás, o trote universitário parece lembrar antecipadamente a cada calouro que não será entre os muros universitários que a individualidade, promessa de emancipação, poderá encontrar espaço de expressão. Adorno aponta a relevância da reflexão sobre esse tema, a partir da conexão entre a integração forçada e o nazismo:

<sup>1</sup> Texto apresentado no *Colóquio Adorno: 100 anos*, realizado pelo Grupo de Pesquisa de Filosofia Política da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, em novembro de 2003.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia da UNESP de Marília.

A brutalidade de hábitos tais como os trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes desse tipo, é precursora imediata da violência nazista. Não foi por acaso que os nazistas enalteciam e cultivaram tais barbaridades com o nome de "costumes". (1995, p. 128)

Procurando explicitar a conexão entre o divertimento no interior dos coletivos e as tendências regressivas geradas pela sociedade, esta reflexão sobre o trote universitário será precedida de uma breve exposição sobre alguns conceitos fundamentais da teoria crítica e da psicanálise.

## I

Em dois dos artigos de *Eclipse da razão*, Horkheimer articula de maneira muito clara a relação entre o domínio instrumental da natureza e o sufocamento da individualidade, desde os fins da era liberal até os dias atuais (1976, p. 103-172). Como o referencial teórico de Horkheimer é a psicanálise, é importante retomar brevemente a análise de Freud acerca do Mal-estar na civilização. Para Freud, o grande desafio da civilização consiste em converter as pulsões sexuais e agressivas em aliados da vida civilizada, por meio de sua neutralização (1976). As pulsões agressivas, que inicialmente são obstáculos potenciais para a convivência pacífica, ao se voltarem contra o ego, sob a forma da ação sádica exercida pelo superego, transformam-se na maior garantia que a sociedade pode ter de que seus imperativos serão reproduzidos por cada indivíduo. Dessa forma, a moralidade enraizada no superego garante a aquisição da capacidade de sublimação das pulsões sexuais e agressivas que são desviadas para finalidades inibidas e socialmente úteis, como o trabalho físico e intelectual e as relações familiares e de amizade. Entretanto, o próprio elemento que permite a existência da civilização sobrevive como seu antagonista secreto, no nível inconsciente, sob a forma do ressentimento permanente contra a civilização. Esse ressentimento, o mal-estar na civilização, faz de cada ser social um inimigo potencial da sociedade, em um processo explicitado por Horkheimer a partir da infância. Horkheimer nos lembra dos incontáveis tormentos vividos pela criança em sua adaptação às normas civilizadas. A submissão à autoridade paterna repercute internamente na esperança infantil de que esse sacrifício será recompensado. O pacto social estabelecido entre a criança e a sociedade, esta representada pela autoridade paterna, implica a aceitação de sucessivas renúncias que aquela espera serem recompensadas por uma sociedade justa, um mundo que a acolherá e lhe dará oportunidades de uma vida digna. Contudo, ao se ver diante de diferentes formas de dominação e de violência, na sociedade, o jovem compreende a

insensatez e a injustiça subjacentes a esse processo. Marcuse caracteriza esse descompasso a partir da diferença entre o princípio de realidade e o princípio de desempenho (1981, p. 51). Aquele representaria a dimensão legítima da repressão pulsional imposta a cada indivíduo, na medida em que, sem a repressão, a vida civilizada seria impossível. Este, por sua vez, significa o excesso de repressão imposto a cada um pelos imperativos da dominação econômica, política e social. Ou seja, se à luz das categorias freudianas o ressentimento contra a civilização pode ser caracterizado como imanente, a convivência em uma civilização justa e emancipada poderia permitir sua constante elaboração e conscientização pelo indivíduo em condições de autonomia. Mas, em uma sociedade cegamente pautada pelo princípio de desempenho, esse ressentimento manifesta-se como uma hostilidade sombria, uma ameaça permanente contra a vida civilizada. Em outras palavras, podemos dizer que o mundo ocidental capitalista, notadamente desde o final do século XIX, época em que emergiram os grandes monopólios econômicos, impõe ao indivíduo sacrifícios pulsionais de tal ordem que potencializam continuamente a hostilidade contra a civilização. A história do progresso é, também, a história da regressão.

De acordo com a interpretação frankfurtiana sobre a psicanálise, esta já nasceu obsoleta, apoiada sobre um modelo familiar que desde as últimas décadas do século XIX, encontrava-se em processo de decadência (MARCUSE, 1998). O anacronismo da psicanálise, tema comum a Adorno, Horkheimer e Marcuse, resulta da constatação de que o modelo proposto por Freud para explicar os conflitos psíquicos, ou seja, o de um ego que dolorosamente busca arbitrar as tensões entre o superego e o id, já não corresponde à dinâmica psíquica do indivíduo na era pós-liberal. Na época dos grandes monopólios econômicos, a formação do ego ocorre por meio de uma administração direta exercida pela indústria cultural, pela escola e pelos grupos nos quais a criança é gradativamente incluída. A formação da consciência moral, entendida como processo psíquico que pode levar à autonomia, graças à superação dos tabus e restrições impostos pelos pais torna-se algo obsoleto, pois a autoridade paterna sequer exerce seu papel de mediador entre o ego infantil e a sociedade. A sociedade intromete-se nessa relação, condicionando a formação do ego diretamente. Segundo Horkheimer, isso ocorre em virtude da decadência da própria “base econômica da individualidade” (1976, p. 149). Na era do capitalismo liberal, a independência dos pequenos empresários, animados pelo lucro material, permitia a expressão de um ego próprio, enérgico, relativamente autônomo, ao qual não era estranho o pensamento independente. Naquela sociedade, malgrado a injustiça econômica, a existência da família burguesa em seus moldes convencionais proporcionava a formação de egos autônomos, graças à existência da figura do

empresário independente, que era o pai provedor da família. Este era o contexto no qual a teoria freudiana se apoiou. A partir do final do século XIX, com a ascensão dos monopólios econômicos, a figura do empresário independente entra em rápido processo de dissolução e, com ele, desintegra-se a referida “base econômica da individualidade”. Como resultado, temos a atomização social, ou seja, a produção de egos enfraquecidos, que não tiveram sequer a oportunidade de confrontarem a imagem paterna idealizada com sua imagem real, condição essencial para a formação de uma personalidade autônoma, capaz de decidir sobre seus próprios caminhos e aspirações. Submetidos à administração por meio de coletivos que dispensam a mediação familiar, os egos formam-se despreparados para experiências autônomas com o mundo, ou, melhor dizendo, sequer o experimentam, pois contam com estereótipos prévios que indicam o melhor caminho. A decadência da individualidade fortalece a dominação, na medida em que, eliminando o pensamento independente, sacrifica a própria possibilidade da resistência ao todo:

Com a família desfez-se, enquanto o sistema subsiste, não somente a mais eficaz instituição burguesa, mas a resistência, que decerto reprimia o indivíduo, mas também o reforçava, se é que não o produzia pura e simplesmente. O fim da família paralisa as forças de oposição. A ordem coletivista nascente é um escárnio para com os sem-classe: com o burguês liquida-se ao mesmo tempo a utopia que outrora se nutria do amor da mãe (ADORNO, 1992, p. 17).

O resultado desse processo é a intensificação do desconforto frente à civilização. Conforme Horkheimer, o ódio pela civilização não deriva, assim, de dificuldades pessoais, mas do próprio modelo civilizatório que fortalece essa tendência (1976, p. 122). Como a oposição aos coletivos pressupõe a formação de um ego autônomo, que a socialização imposta por estes visa justamente a impedir, só resta à grande maioria a submissão ao existente. Impossibilitados de refletirem sobre a dominação e sobre si próprios, “inclinam-se diante dela, aceitando secretamente a identidade entre a razão e a dominação, entre a civilização e o ideal, por mais que dêem de ombros” (Horkheimer, 1976, p. 124). O existente é congelado, e com ele a lei do mais forte. A pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Sociais junto à população norte-americana nos 40 constatou os aspectos mais significativos da atomização social. Com o objetivo de compreender a estrutura da personalidade autoritária, Adorno, Horkheimer e outros colaboradores do Instituto produziram a “escala F”, indicador empírico por meio do qual procuraram expressar o potencial fascista latente entre os norte-americanos da época. Segundo Adorno, a personalidade dos indivíduos de alta pontuação nessa escala caracteriza-se pelo preconceito racial, voltado principalmente contra negros e judeus, pela alienação política e econômica e pelo antiintelectualismo. Além destas, destacam-se outras

características, como o convencionalismo, a tendência de submissão frente à autoridade, o sentimento de identificação com as elites sociais e a presença de impulsos destrutivos inconscientes (1965, p. 23). Esse quadro é explicado pelos frankfurtianos em função da decadência da autoridade paterna acarretada pelo declínio do modelo liberal há pouco descrito. Pois, se a oposição a um mundo injusto e desumano requer como pressuposto fundamental a existência de um ego autônomo, a inexistência deste gera a submissão à lei do mais forte, a aceitação pura e simples da reificação social. Entretanto, o ódio inconsciente contra uma civilização cada vez mais embrutecedora acarreta, como mecanismo de defesa, o comportamento sintomático de defesa agressiva dos valores dominantes. Temos então o paradoxo que caracteriza o comportamento fascista: o discurso reacionário, quando defende com unhas e dentes a necessidade de perpetuação de uma ordem social e econômica injusta, e quando se dirige com hostilidade às minorias que resistem à dominação ou àqueles que representam a diferença, na verdade, encobre um ódio cujo alvo original, inconsciente, é essa própria ordem social e econômica. A hostilidade gerada pela adaptação a um mundo cruel e desumano acaba sendo desviada contra aqueles que ousam resistir à dominação burguesa, como é o caso do movimento operário, ou contra aqueles que são vistos como diferentes ou impotentes nessa ordem social: negros, judeus, mulheres, indígenas.

## II

Nessa estrutura social delirante, o retorno de desejos reprimidos manifesta-se essencialmente como retorno de impulsos miméticos. Estes representam o primeiro modelo de comportamento do homem frente ao mundo: os homens primitivos imitavam a natureza por meio da magia, assim como cada criança, em seus primeiros gestos, imita o adulto. Mas, no plano filogenético e ontogenético, o progresso tem como condição a substituição dos comportamentos miméticos por comportamentos racionais. “Assim como os primitivos devem aprender que podem produzir melhores safras mais pelo tratamento do solo do que pela prática da magia, também a criança moderna deve aprender a dominar seus impulsos miméticos e dirigi-los para um objetivo definido” (HORKHEIMER, 1976, p. 126). Dessa forma, a renúncia ao impulso mimético é a condição para o progresso da civilização e para a adaptação de cada criança à sociedade. Entretanto, o descompasso cada vez mais evidente entre o sacrifício individual de renúncia à mimese e a violência infligida pela sociedade àqueles que a ela aderem converte a adaptação social em ato de desespero: “se a renúncia ao impulso mimético não promete conduzir à realização das potencialidades humanas, esse impulso estará à espreita, pronto para emergir como força destrutiva”

(HORKHEIMER, 1976, p. 127). Como a própria personalidade já é, como vimos, o produto de um condicionamento social que dispensa a mediação da autoridade paterna, o desconforto do indivíduo diante da sociedade injusta não encontra a oportunidade de ser refletido com autonomia. O comportamento imitativo no interior dos diversos grupos reverte o desconforto no sentido do conformismo social. A identificação imediata com as elites e com os diversos líderes grupais, desde o gerente na organização até os líderes de torcidas organizadas ou os famosos do momento, tem seu complemento necessário em outra forma de mimese: aquela em que se imita o oprimido, no interior de um processo de catarse coletiva que caracteriza o comício fascista:

As massas dominadas prontamente se identificam com a agência repressiva. Na verdade, é exclusivamente a seu serviço que eles se dão rédea solta para satisfazer seus imperiosos impulsos miméticos, sua necessidade de expressão. Sua reação às pressões é a imitação: um desejo implacável de perseguir. Esse desejo, por sua vez, é utilizado para manter o sistema que o produz. (HORKHEIMER, 1976, p. 127)

Essa dinâmica afetiva perversa atinge seu ponto alto no fenômeno do anti-semitismo. Neste transparece de maneira cristalina a manipulação do impulso mimético como forma de reforçar justamente o *status quo* cuja injustiça provocou o retorno daqueles impulsos. O ódio, ao invés de ser racionalmente pensado em sua conexão com a sociedade, o que apontaria virtualmente para a revolução social, é revertido justamente contra aqueles que, sendo vistos como diferentes, impotentes, inadaptados, individuados, parecem conter alguma esperança de um mundo melhor. Porém, essa esperança, que por sua vez revela como inútil o sacrifício de cada um no sentido da adaptação, é o que parece mais insuportável:

Pouco importa como os judeus são realmente; sua imagem, na medida em que é a imagem do que já foi superado, exhibe os traços aos quais a dominação totalitária só pode ser hostil: os traços da felicidade sem poder, da remuneração sem trabalho, da pátria sem fronteira, da religião sem mito. Esses traços são condenados pela dominação porque são a aspiração secreta dos dominados. A dominação só pode perdurar na medida em que os próprios dominados transformarem suas aspirações em algo de odioso. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 185-186)

A personalidade fascista aparece, assim, em sua dinâmica sadomasoquista. O conformismo social e a necessidade de perseguir os mais frágeis da hierarquia social assemelha-se a uma segunda natureza. A compulsão de perseguir os mais fracos é concomitante com a perseguição de que cada um é vítima. A paranóia torna-se o modelo do comportamento social. É fundamental percebermos que, nesse processo, a vítima do momento é de certo modo irrelevante. É certo que a escolha

da vítima depende de circunstâncias históricas, mas o que mais importa é a necessidade de se fazer da frustração social uma oportunidade de reforçar a dominação que a gerou:

A cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam a atenção. E como as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura: vagabundos, judeus, protestantes, católicos, cada uma delas pode tomar o lugar do assassino, na mesma volúpia cega do homicídio, tão logo se converta na norma e se sinta poderosa enquanto tal. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 160).

A dinâmica sadomasoquista da personalidade fascista contém, entretanto, sua própria negação. Pois a cólera dirigida contra a vítima do momento é, na verdade, desviada de seu alvo original. As tendências anticivilizatórias transformam-se em ódio explosivo, em função da frustração diante da esperança não cumprida de uma civilização que recompensasse os sacrifícios instintuais. O retorno do reprimido é a resposta irracional, quase sempre a única possível, perante uma sociedade que é, ela própria, irracional. É importante ressaltar o trecho há pouco citado: “a dominação só pode perdurar na medida em que os próprios dominados transformem suas aspirações em algo de odioso”. Adorno destaca que a divisão entre trabalho físico e trabalho intelectual, graças à qual apenas aqueles dispensados da primeira modalidade puderam ter acesso a uma vida autônoma, provocou nos homens a descrença na cultura enquanto meio de emancipação. Coerente com a dinâmica sadomasoquista, a hostilidade, que deveria se voltar contra a existência da sociedade de classes, foi distorcida e revertida contra a própria cultura, “a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir” (1995, p. 164). A questão fundamental que se coloca para uma educação emancipadora consiste, assim, em torná-la uma educação voltada para a auto-reflexão sobre as tendências anticivilizatórias, sobre o retorno compulsivo do mimetismo no interior dos coletivos. Uma educação orientada pela autonomia racional, que se voltasse contra o “poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização” (1995, p. 127). Uma educação, enfim, que refletisse sobre a semiformação que a encerra, de modo a permitir a tomada de consciência dos indivíduos sobre o engodo em que se envolvem quando aceitam, como preço da adaptação, a humilhação de sua dignidade.

### III

Uma pesquisa sobre o trote entre universitários dos cursos de física e pedagogia da Universidade Federal de São Carlos foi realizada por Antônio Zuin, no ano de 2001. Alicerçada teoricamente pelo

pensamento de Freud e de Adorno, o resultado da pesquisa indica constatações muito relevantes para nossa análise. As conclusões do trabalho remetem ao trote universitário como um rito de passagem cujos fundamentos psicossociais traduzem-se no sadomasoquismo, na medida em que os novatos aprendem a reprimir a raiva e a humilhação sofridas para que possam, no ano seguinte, reproduzir o mesmo processo na condição de agressores (2002, p. 62). Além da futura inversão de papéis, o sofrimento é tolerado na condição de preço que se paga pela integração no grupo. O trote é compensado pelo sentimento de integração no grupo universitário, e esta, mesmo obtida à custa da humilhação é preferível à frieza e à indiferença de que são alvo aqueles que vivem à margem dos grupos estabelecidos: “o indivíduo precisa se acostumar com as pancadas que recebe no seu cotidiano, pois a sua dessensibilização em relação a si próprio e ao outro passa a ser condição de sobrevivência” (2002, p. 68). Através de acontecimentos como a aula-trote, esse rito de passagem universitário permite o extravasamento do ressentimento cotidiano enfrentado na relação com os professores, notadamente quando o modelo da relação educativa pauta-se pela ironia, ou seja, pela maneira enviesada muito comum de os mestres afirmarem seu poder pelo constrangimento cínico, que leva o aluno a internalizar a incompetência que lhe é atribuída. Entretanto, a catarse do trote, claramente inserida em um processo educativo sadomasoquista, apresenta efeitos regressivos, pois não conduz a uma elaboração racional do ressentimento e do medo que estruturam a relação entre professores e alunos (2002, p. 100). Trata-se de uma liberação momentânea que perpetua um ciclo vicioso ao longo dos anos. Antônio Zuin nos chama a atenção também para um aspecto essencial, que transcende os muros universitários, remetendo o trote à reificação da própria sociedade. A agressividade manifestada por ocasião do trote expressa o “rancor do indivíduo em relação à mesma cultura que não cumpre a promessa da concretização de uma vida mais justa” (2002, p. 104).

A análise do trote universitário, realizada por Antônio Zuin, remete ao ciclo sadomasoquista de humilhação e agressão, em uma catarse regressiva na qual o ressentimento contra os professores e contra a própria sociedade não recebe a auto-reflexão que poderia apontar para alguma perspectiva de emancipação. Os sentimentos anticivilizatórios diante de uma sociedade que trai sistematicamente a promessa de uma vida digna, justa e solidária podem ser escoados por meio do comportamento mimético, no interior do grupo de veteranos e calouros. É significativo que, conforme constata Adorno, a raiva derivada da frustração sobre o não-cumprimento da promessa cultural de uma vida melhor reverte, distorcida, contra a própria promessa (1995, p. 164). A ausência da formação acarreta um ódio que se volta contra a própria formação, o que bloqueia quase totalmente a auto-reflexão que

necessita daquela para poder ocorrer. Trata-se do ressentimento, aspecto essencial da semiformação (ADORNO, 1971, p. 261), que se manifesta mediante a paranóia, seja na relação dos indivíduos entre si, originando o impulso perseguidor frente aos mais fracos, seja, como veremos a seguir, na relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. Dessa forma, a auto-reflexão, que deveria voltar-se contra o retorno compulsivo do mimetismo no interior dos coletivos é impedida pelo predomínio deste no interior da própria vida universitária. A violência do trote, sublimada, sob a forma do “trote pacífico”, ou escancarada, como ocorreu entre estudantes universitários da USP, em fevereiro de 1999, é a antecipação de um cotidiano que reproduz a frieza da sociedade: “A vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação. Todos têm que mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas” (ADORNO, 1985, p. 144). O sujeito pensante e sua fé em um mundo à altura da dignidade humana, a esperança que parece ser revivida em cada coração de estudante em seu primeiro dia de aula, na universidade, é algo a ser deixado fora dos muros universitários. Este parece ser o alerta subjacente ao trote.

Como o ciclo sadomasoquista expressa antes de mais nada a própria dinâmica da sociedade, podemos dizer que os calouros são, no instante do trote, os desamparados do momento. Manifestação sintomática do fascismo, no mundo industrializado, o trote universitário apresenta algo de comum com a economia psíquica do preconceito. Embora o trote seja um momento que precede a integração cotidiana entre veteranos e calouros, que posteriormente conviverão sem a repetição desse conflito inicial e, nesse sentido, parece guardar grande distância da exclusão e do afastamento que acompanham o preconceito, as condições que o geram são as mesmas do preconceito: o pensamento estereotipado. Segundo Adorno e Horkheimer, os estereótipos são recursos infantis mobilizados para aplacar a ansiedade diante de uma realidade reificada. Baseados em dicotomias entre bem e mal, nós e os outros, eu e o mundo, os estereótipos proporcionam um alívio psicológico e uma segurança intelectual que são inteiramente falsos, pois o mundo frio e distante, cuja ameaça eles deveriam conter, permanece frio, distante e não-experimentado como antes (ADORNO, 1965, p. 623). Assim, como condição prévia para a catarse regressiva que tem lugar por ocasião do trote, do pensamento estereotipado emerge um olhar que indiferencia as pessoas que integram o grupo de calouros. Vê-las como grupo, como “outros”, indefesos e pegos de surpresa diante uma situação desconhecida e, dessa forma, como alvo a ser submetido, reflete uma atitude condicionada pelo pensar estereotipado.

Essa atitude, que reproduz a frieza da reificação social da qual cada um tenta inutilmente se proteger é análoga àquela do preconceito. Segundo José Leon Crochic, a “fixidez de procedimentos que são

aplicados indistintamente a qualquer objeto” é o que caracteriza o estereótipo como elemento formador do preconceito (1997, p. 21). Dessa maneira, se considerarmos que, embora seja um ritual que precede a integração dos novos alunos à instituição universitária, o trote universitário é gerado pelas mesmas necessidades que geram o preconceito, podemos formular, como hipótese teórica, que o olhar estereotipado, fixo e repetitivo do estudante veterano diante do calouro, é também o olhar do preconceito. Um olhar que, antecipado pelo rótulo, impede de antemão a experiência com o outro.

Levando em conta essa hipótese como verdadeira, algumas das conclusões de Crochic acerca do preconceito parecem revelar algo importante sobre as necessidades psíquicas que levam à catarse sadomasoquista do trote universitário. Segundo Crochic, o preconceito é defesa diante de ameaças imaginárias, “falseamento da realidade, a qual o indivíduo foi impedido de enxergar e que contém elementos que ele gostaria de ter para si, mas se vê obrigado a não poder tê-los; quanto maior o desejo de poder se identificar com a pessoa vítima do preconceito, mais este tem de ser fortalecido” (1997, p. 18-19). Ou seja, a pessoa preconceituosa se vê diante de uma imagem distorcida que remete a seus próprios desejos e aspirações, os quais, tornados inaceitáveis, são recusados por meio da atitude mimética no interior do grupo de veteranos. É a recusa da antiga promessa de um mundo mais justo e igualitário, cuja inexistência objetiva revela a irracionalidade dos sacrifícios subjetivos que cada um tem de fazer para se adaptar. Da mesma forma que “o preconceito prepara a ação da exclusão do mais frágil por aqueles que não podem viver a sua própria fragilidade” (CROCHIC, 1997, p. 23), por meio do trote os desamparados do momento pagam a conta do delírio social.

Mas, ao anunciar a futura reprodução da frieza da sociedade burguesa no cotidiano universitário, o trote anuncia também a perpetuação da dominação por meio de um modelo de técnica e de ciência que são inseparáveis dessa própria frieza. As pancadas simbólicas ou físicas recebidas pelo calouro antecipam um processo de insensibilização que é inseparável da absorção de um certo tipo de pensamento científico que, embora pretenda ser neutro, na verdade está diretamente comprometido com a dominação. Assim, o que está em questão é também o modelo positivista de ciência, que, amparado na lógica tradicional, postula um certo tipo de relação entre sujeito e objeto estruturado na separação entre ambos. Foi sobretudo a partir de Descartes, com a separação entre o eu pensante e o objeto material, que o progresso técnico consolidou a concepção mecanicista de ciência que prevalece na modernidade. Amparada nos pressupostos mecanicistas cartesianos, a ciência positivista é criticada por Adorno, em particular, por sua pretensão de objetividade e neutralidade, pois esta, partindo

do pressuposto da separação entre sujeito e objeto, converte a ciência em cúmplice das violências e injustiças produzidas pela economia capitalista. Para Adorno, a separação entre sujeito e objeto, postulada pela ciência, é tão falsa quanto sua união indiferenciada, postulada pelo mito. Em ambos os casos, a práxis é escamoteada, na medida em que, conforme veremos adiante, omite a necessária mediação recíproca entre sujeito e objeto (1995 b, p. 183).

Por conseguinte, a violência do trote reflete a violência subjacente aos próprios princípios epistemológicos que prevalecem na universidade. A incapacidade de refletir sobre a materialidade que condiciona o trabalho científico, que direciona este à realização de certas pesquisas, em detrimento de outras, de maneira a atender primordialmente às necessidades de reprodução do capital, faz da ciência uma atividade tão cega quanto aquela do paranóico, que é incapaz de “transgredir um complexo de interesses determinado por seu destino psicológico” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 182). Em sua idéia fixa, que o impede de refletir sobre o progresso a partir de sua contrapartida necessária, ou seja, barbárie e regressão, o homem de ciência consome a reificação da sociedade. “A paranóia é a sombra do conhecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 182).

#### **IV**

Resumindo a tese central deste artigo, temos que, além de ser momento de descarregar o ressentimento cotidiano experimentado junto aos professores, em virtude da frustração perante a experiência formativa não-realizada (ZUIN 2002, p. 73;104), o trote universitário reflete igualmente a violência subjacente a um certo modelo de pensamento afastado das necessidades mais urgentes da humanidade como um todo, subordinando-se aos interesses do capital. Sua catarse regressiva, que remete à frustração perante a promessa de emancipação traída pela sociedade, vincula-se necessariamente à objetividade falsa de um conhecimento não-dialético. Essa falsidade foi claramente definida por Horkheimer como supremacia da razão subjetiva – formalizada, instrumental, que adota o princípio de ajustamento à realidade como algo indiscutível – sobre a razão objetiva – emancipadora, que implica a pesquisa sobre a verdadeira natureza das coisas, da qual poderia derivar uma ação humana correta, ética e portanto verdadeira (1976, p. 11-67). Sob a ótica dos sistemas filosóficos ancorados na razão objetiva, o papel instrumental ligado ao conhecimento da natureza está subordinado à especulação de natureza ética, perspectiva que, no entender de Horkheimer, opõe-se a “qualquer epistemologia que reduza a base objetiva de nosso entendimento a um caos de dados não-coordenados e identifique nosso trabalho científico

com a mera organização, classificação ou computação de tais dados” (1976, p. 20). Submeter a ciência aos critérios da razão objetiva significa dotá-la de parâmetros éticos, capazes de confrontar a coisa com seu próprio conceito, ou seja, mediar a realidade injusta “sob o aspecto de um verdadeiro interesse, seja, de uma sociedade livre, de um Estado justo ou do desenvolvimento da humanidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1978, p. 21). Entretanto, o que caracteriza o modelo positivista de ciência é a ilusão da existência de uma verdade inerente ao objeto, amparada no pressuposto da separação entre ambos. Esse modelo de pensamento, no qual se baseia a ciência moderna, furta-se à reflexão sobre seus condicionamentos materiais, pretextando a objetividade neutra e isenta de valores. No interior desse processo, a natureza interna e externa ao homem converte-se em mero objeto de dominação.

Segundo Adorno, na relação com o sujeito cognoscente, a verdade sobre o objeto deveria emergir dialeticamente, como identidade da identidade e da não-identidade. O pensamento dialético “exprime com exatidão o que é, pelo fato mesmo de que o que é nunca é inteiramente tal qual o pensamento o exprime” (ADORNO, 1992, p. 110). Temos então a diferença absoluta entre sujeito e objeto, na medida em que o conhecimento resulta de um processo de mediação. “Entre o verdadeiro objeto e o dado indubitável dos sentidos, entre o exterior e o interior, abre-se um abismo que o sujeito tem de vencer por sua própria conta e risco. Para refletir a coisa tal como ela é, o sujeito deve devolver-lhe mais do que dela recebe” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 176).

Dessa forma, como integração forçada do indivíduo ao grupo, o trote universitário insere-se em um duplo processo de insensibilização, pois permite o escoamento ritualizado da frustração perante a promessa traída de formação e emancipação, perpetuando a frieza de um processo educativo no qual as pessoas sobrevivem dando-se cotoveladas, ao mesmo tempo em que é também o momento de preparação para a continuidade da semiformação alicerçada pelo modelo positivista de ciência. Em sua integração forçada, o trote universitário introduz o endurecimento do coração e das mentes como condição para a reprodução da reificação social, no interior da universidade. A reflexão sobre as necessidades regressivas que o geram aponta, simultaneamente, para a reflexão sobre o próprio modelo de pensamento que prevalece no interior dos muros universitários. Portanto, assim como a paranóia é o modelo do comportamento social, em mundo no qual a identificação com a impotência do outro é algo que todos os objetivamente impotentes necessitam reprimir em si próprios, ela é também a “sombra do conhecimento”. Isso faz da reflexão sobre a barbárie contida no trote universitário uma reflexão sobre a barbárie na esfera da sociedade e na esfera do conhecimento. Refletir sobre o irracionalismo do trote implica

portanto refletir sobre o irracionalismo da sociedade e sobre o modelo de conhecimento científico nela produzido.

Nessa sociedade, libertar o pensamento significa também emancipar-se frente ao progresso. A pergunta sobre como seria uma sociedade na qual o escoamento irrefletido da violência não fosse mais necessário nos remete a pensar em uma sociedade em que o sujeito pudesse autodeterminar-se no interior dos coletivos. Remete, igualmente, a um sujeito cognoscente capaz de pensar que “talvez a verdadeira sociedade se farte do desenvolvimento e deixe, por pura liberdade, possibilidades sem utilizar, ao invés de se precipitar, com uma louca compulsão, rumo a estrelas distantes. (ADORNO, 1992, p. 138)

BUENO, S. F. Damaged life and University trot. *Educação em Revista* (Marília), n. 6, p. 37-50, 2005.

**ABSTRACT:** This paper claims to analyse the university trick ritual from the Adorno point of view about fascism where it's considered as a phenomenon which was taken root in the irrationalism of the contemporary civilization.

**KEYWORDS:** Critical Theory; fascism; policies; Adorno.

#### REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. Estudio Cualitativo de las Ideologías. In: ADORNO, T. W. et. al. *La Personalidad Autoritaria*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Minima Moralia* - reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.
- \_\_\_\_\_. *Palavras e Sinais: modelos críticos 2*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Sociológica*. Madrid: Taurus, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Temas básicos de Sociología*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Dialética do Esclarecimento - fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CROCHIC, J.L. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe Editorial, 1997.
- FREUD, S. *Mal-estar na Civilização*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (vol. XXI), 1976.

BUENO, S. F.

HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização* - uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Sociedade* (vol. 2). Tradução: Wolfgang Leo Maar, Isabel Maria Loureiro, Robespierre de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

ZUIN, A.A.S. *O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação*. São Paulo: Cortez, 2002.